

# PROJETO EQUAL – IGUALDADE PERANTE A LEI E O DIREITO À AUTODETERMINAÇÃO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO



## OBJETIVO:

O projeto EQUAL pretendeu analisar a implementação do Regime do Maior Acompanhado em Portugal (Lei nº 48/2018), que veio substituir o anterior regime de Interdição/Inabilitação, e compreender os desafios e obstáculos, mas também as oportunidades criadas por este novo quadro jurídico.

## MÉTODO:

O projeto recorreu a métodos participativos que promoveram o envolvimento ativo de quatro investigadores/as não académicos/as - pessoas com deficiência intelectual e psicossocial - nas atividades de pesquisa. Entre outras técnicas recorreu-se ao Photovoice para recolher as suas experiências de exercício e barreiras ao exercício do direito à autodeterminação.

Nesta exposição, apresentam-se as duas fotografias produzidas e escolhidas por cada um/a dos co-investigadores/as para ilustrar os seguintes temas:

- As minhas escolhas
- Barreiras às minhas escolhas

## EQUIPA:

**Investigadores/as Académicos/as:** Paula Campos Pinto (Coord.), Teresa Janela Pinto, Patrícia Neca, Fernando Fontes, Bárbara Maltez

**Investigadores/as Não-académicos/as:** Aretha Ribeiro, Artur Tavares, Cristina Espiney, Maria Adelaide Cruz, Sandra Marques (FENACERCI), Rosa Moreira (HUMANITAS), Patrícia Batista (FNERDM)

**Parcerias:** Conselho Superior da Magistratura, Procuradoria-Geral da República, Provedoria de Justiça, CES-UC, FENACERCI, FNERDM, HUMANITAS

# AS MINHAS ESCOLHAS



**R** - Esta máquina tem importância porque foi paga com o dinheiro do meu esforço e dedicação. (...) Foi há pouco tempo que estou a trabalhar com a empresa e estou a gostar e está a correr bem. Trabalho dentro da instituição. Aqui na zona há várias lojas onde eu vou buscar material. Eu ligo e eles em vez de mandarem para o lixo, vou com a carrinha da instituição e trago o material. (...) tenho de separar por componentes e depois essa empresa vem buscar (...) Se tudo correr bem, já me arranjam o contacto de uma empresa de reciclagem (...) eu devo ir para lá trabalhar uma manhã ou uma tarde por semana.

(...) Estou entusiasmado porque vou para fora. É diferente. Não é que eu não saia, mas sair sozinho como antes ainda não dá. (...) Estou entusiasmado, pelo trabalho e por sair um bocadito daqui de dentro.

# AS MINHAS ESCOLHAS



**R** - Esta foto é sobre fazer compras. (...) **No sábado passado fui sozinha.** E dei com o sítio. (...) Gosto de fazer as compras lá para casa. E também gosto muito de cozinhar. (...)

**Q** - Porque é que essa fotografia é tão importante?

**R** - Posso trabalhar com o dinheiro, exercitar a matemática mental sem usar a calculadora.

**Q** - Quando estamos no supermercado, às vezes acontece-nos olharmos para a prateleira e vermos uma coisa que não tínhamos posto na lista e comprar...

**R** - Eu pergunto à minha mãe se posso. (...)

**Q** - E com os 5 euros que a mãe dá, não vai comprar qualquer coisa?

**R** - Não, guardo. Eu e o João gostamos de ir às piscinas, de ir a Lisboa, a Sintra. Se eu gastar o dinheiro fico sem dinheiro para isso. **Na vida temos de fazer escolhas. A minha escolha é o meu aniversário e as férias de verão.** Se eu não tenho não posso ir comprar. Não vou ficar com dívidas.

# AS MINHAS ESCOLHAS



**R** - Comecei por fotografar três coisas em simultâneo. É café, água e o cigarro. Costumo dizer 'até que a morte nos separe'. Uns encaram o casamento como a forma de viver e o meu casamento é com o cigarro. Para mim **os meus hábitos, a minha rotina do café, cigarro e água, como aquilo que eu indispensavelmente escolho, como algo que eu não dispenso todos os dias, a qualquer hora. A qualquer momento, eu estou sempre a beber café, a fumar um cigarro, a beber água. As minhas rotinas afinal. Nós seres humanos quando envelhecemos tornamo-nos cada vez mais um animal de hábitos. É isto que eu sou: um animal, um animal de hábitos.**

# AS MINHAS ESCOLHAS



**R** - Tenho aqui o meu computador onde eu posso reunir online nas atividades da AEIPS, da cidadania, posso reunir com a família, com os amigos, com as amigas. Posso ver vídeos, posso ouvir música, posso ver filmes. (...) É uma ferramenta que me permite ter uma grande diversificação de deveres, tarefas a fazer, atividades. Através do computador eu posso trabalhar, posso fazer voluntariado, posso estudar, posso participar em atividades de cidadania, posso fazer palestras, posso participar em conferências, congressos... o mundo do trabalho, o mundo do voluntariado, mas também posso ter cultura, (...) posso fazer atividades culturais que nunca mais acabam (...). É também uma representação da minha identidade própria, da minha independência, do meu progresso, do caminho pela independência.

# BARREIRAS ÀS MINHAS ESCOLHAS



**Q** - Vamos lá falar um bocadinho sobre esta fotografia do portão fechado.

**R** - Eu não posso sair lá para fora, tenho que ir só até àquele limite. Eu antes saía sempre sozinho: ia à feira, ia para o karaté, dava voltas pela Tocha e agora não. Ia na mota a bateria ou ia na bicicleta. Só informava. Eles sabiam onde eu estava.

**Q** - E quando o tribunal decidiu (no âmbito do Regime de Maior Acompanhamento) que não podia andar de mota nem de bicicleta, como é que se sentiu?

**R** - Magoado, não estava a contar com isto. Fiquei magoado. (...) [Agora] estou a tentar mudar a sentença. Quando depois for lá a tribunal outra vez, a ver se as coisas correm melhor e se eles já me deixam andar sozinho como eu andava antes.

# BARREIRAS ÀS MINHAS ESCOLHAS

Atesto que, de acordo com a TNI - Anexo I, aprovada pelo Decreto-Lei nº 352/2007, de 23 de Outubro, o utente é portador de deficiência que, nesta data e conforme o quadro seguinte, lhe confere uma incapacidade permanente global de : 60 % - (sessenta por cento), susceptível de variação futura, devendo ser reavaliado no ano de xxxx.

Capítulo	Número	Alínea	Coefficiente	Capacidade restante	Desvalorização
X	II	Grau IV	0,6000	1,0000 0,4000	0,6000 0,0000

**Grau de Incapacidade** [ 0,6000

DL n.º 202/96  
e a redacção do  
DL n.º 291/2009,  
de 12/10  
(Artigo 4.º n.º 7)

**Declaro que o utente é portador de deficiência, que de acordo com os documentos arquivados neste Serviço lhe conferiram em 18-10-2016 pela TNI aprovada pelo Decreto-Lei nº 352/2007, de 23/10/2007 o grau de incapacidade de : 30 % - (trinta por cento).**

Lei nº 22 - A/2007, de 29/06

DL nº 307/2003, de 10/12

Obs. Esta incapacidade é definitiva desde 2019/

Presidente da Junta Médica Ass: [Assinatura] Data 09-04-2019

Mod DGS/ASN 01/2009

**R** - Este é um documento que proíbe a pessoa de fazer determinadas coisas na sociedade. Ninguém tem na testa uma tatuagem a dizer que sou portadora de uma deficiência. E porque é que uns podem e outros não? (...) É o atestado de incapacidade de 60%. (...)

**Q** - Esse papel dá acesso a algumas coisas e proíbe outras é isso? Que coisas lhe dizem que não pode fazer sem esse papel?

**R** - (...) até há bem pouco tempo estava com a ilusão de querer casar, mas depois a minha irmã e a minha mãe fizeram-me ver as coisas que eu não estava a ver. (...) Eu não trabalho, o João não trabalha. Não temos capacidade para estar num emprego. (...) E uma pessoa quando quer casar tem de ter maturidade, responsabilidade de assumir tudo, quando digo tudo é a renda, o gás, a água, a televisão, o telefone, e está tudo caro. E aonde é que vamos arranjar dinheiro para isso? Era uma ilusão.

# BARREIRAS ÀS MINHAS ESCOLHAS



**R** - Outra coisa que fotografei foi um anel. É a questão um pouco da sexualidade que as pessoas com experiência de doença mental podem ter. Pessoalmente eu estou amputada. Como dizem os franceses “*j’ai fermé ma boutique.*” E eu também estou a achar que já fechei a minha loja. Por vários motivos. Não sei se é a medicação que não nos dá qualquer tipo de prazer. E porque é que eu pensei no anel? (...) É uma coisa muito forte, é uma ideia muito forte (...). Sabe o que é que eu pensei? Interessar-me por uma pessoa que provavelmente é casada, portanto. Mas a questão do casamento é que a pessoa está casada, eu não sei se serei capaz, provavelmente não tenho coragem, não sou corajosa de transgredir com alguém que é casado, pronto. (...) Também, a bem da verdade também não sei se quero ter algo. ‘Estás melhor sozinha do que acompanhada’. Porque às vezes penso ‘deixa-te estar com os teus hábitos, com a tua rotina, cuida apenas do teu jardim’. É o que todos temos de fazer, cuidar do nosso jardim. Agora... imagino-me no jardim sozinha, não me imagino acompanhada.



# BARREIRAS ÀS MINHAS ESCOLHAS



**R** - Depois tenho aqui outra fotografia que é a medicação. **Embora me ajude de uma maneira, eu estou sempre presa, sempre agarrada e dependente ao medicamento.** Ajuda a ter independência emocional e psicológica, mas, por outro lado, tem efeitos secundários, não me sinto tão independente. Eu sinto uma certa codependência. Mas tem de ser. É obrigatório, faz parte da vida. (...) O que me faz mais infeliz é a medicação. Tenho uma dependência aqui muito grande à medicação, aos efeitos secundários, físicos e psíquicos. Tenho menos independência, menos autonomia. A qualidade de vida não é tão boa. Torna-me mais agarrada, é uma espécie de vício, estou agarrada a um químico que se eu pudesse não estaria agarrada, estaria muito mais independente, muito mais livre, para ter uma qualidade de vida superior.